

CANGAÇO: DO PASSO AO TRAÇO E À CENA QUE VIRA ARTE

Carlos Carneiro de Jesus¹

RESUMO: O presente trabalho objetiva enunciar aspectos das linguagens artísticas e culturais que se relacionaram e ainda são inspiradas e relacionadas ao cangaço e não somente como um fenômeno social complexo, violento e arcaico ou moderno com a literatura tem apresentado. Usando os métodos de coletar informações bibliográficas para embasar a redação com teóricos que debatem sobre o tema. Desse modo foi possível observar o cotidiano, a identidade, a astúcia e o modo de vida do bando, compreendendo a estética da arte em várias linguagens, seja ela urbana ou contemporânea que são releituras do cangaço, traçados pelos fatos históricos tendo em vista suas representações na literatura, no cinema, no teatro, na música e em outras manifestações artísticas, que contribuiu para a cultura, a arte e a história imagética e imaginária do povo sertanejo.

PALAVRAS-CHAVES: Arte. Cultura. Cangaço. História.

ABSTRACT: The present work aims to enunciate aspects of the artistic and cultural languages that were related and are still inspired and related to cangaço and not only as a complex, violent, archaic or modern social phenomenon with the literature it has presented. Using the methods of collecting bibliographic information to support the writing with theorists who debate on the subject. In this way, it was possible to observe the daily life, identity, cunning and way of life of the band, understanding the aesthetics of art in various languages, whether urban or contemporary that are reinterpretations of cangaço, traced by historical facts in view of their representations in literature, cinema, theater, music and other artistic manifestations, which contributed to the culture, art and imagery and imaginary history of the sertanejo people.

KEYWORDS: Art. Culture. Cangaço. History.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho analisará o cangaço pela perspectiva da contribuição e da produção artístico-cultural que fascina a imaginação e a criatividade dos múltiplos artistas e não tão somente como um fenômeno social complexo, visto por alguns como contraditório, violento, híbrido do arcaico com o moderno, bandoleiros ou outros termos pejorativos ou não, ligados ao bando de Lampião que conforme a literatura, englobou violência,

¹ Graduado em Letras e graduando em História pela UNEB – Universidade do Estado da Bahia.

mas também sutilezas, “justiça”, fascínio, imaginação e criatividade, estes últimos são pontos destacados neste trabalho.

Diante disso, o objetivo desse trabalho é analisar aspectos das linguagens artísticas que se relacionaram e ainda são inspiradas e relacionadas ao cangaço, dessa forma será observado o cotidiano, a identidade, a astúcia e o modo de vida do bando, com as fontes e obras aqui expostas para melhor compreender a estética da arte em várias linguagens, seja ela urbana ou contemporânea que são releituras do cangaço.

Autores, historiadores, estudiosos, pesquisadores dos mais diversos campos do saber têm verticalizado inúmeros trabalhos sobre o cangaço, sendo analisado pelas vertentes da literatura, da história, da arte, da antropologia, da economia e das ciências humanas como um todo, o que veremos neste trabalho é uma outra perspectiva do ponto de vista artístico, perpassando pelos temas: social, político, religioso entre diversos fatores entrelaçados que fizeram do cangaço um movimento singular nas páginas da história do Nordeste brasileiro.

Dissertar algo inédito sobre o cangaço é uma tarefa árdua, pois parece que tudo foi dito, porém este ensaio apresenta uma nova perspectiva, não necessariamente inédita, já que outros trabalhos sobre o cangaço foi analisado a partir de diversos ângulos, inclusive sobre elementos artísticos, o foco principal deste trabalho.

Ainda assim, a literatura referência os cangaceiros pelo processo histórico, como fenômeno, mas dificilmente nos deparamos com trabalhos que analisa atos e fatos isolados do ponto de vista artístico-cultural com descrição romântica, narradas por romancistas, poetas, cordelistas, teatrólogos, cineastas e outras artes.

Como metodologia, foi coletada informações de outros trabalhos, para embasar a redação com teóricos que debatem sobre o tema, vale salientar que esse ensaio não analisará o cangaço sob a ótica do conflito de classes, esse estudo já tem vasta bibliografia e excelentes trabalhos, buscaremos nesse movimento aspectos artísticos e culturais e o quanto eles inspiraram o universo da criação imaginária.

A arte no cangaço é nítida basta observar os signos do chapéu de couro, da estrela do Salomão, do traje, ao qual aqui denominaremos de figurino, pela questão artística abordada nesse trabalho e é distinto de qualquer outra vestimenta seja no sertão ou longe dele.

No figurino do cangaceiro há arte que dão beleza pelo fuxico, pela combinação de cores, pelos bordados e traços de costura tornando-os singular, causando um impacto estético, visual pelas joias, pelos terços e elementos religiosos expostos no corpo, além

da cabaça, colher, caneca, bernal, punhal que têm funcionalidade no uso do dia a dia, portanto, no figurino do cangaceiro há história e elementos de status sociais e funcionais.

Todos estes elementos artísticos do cangaço influenciou a arte, é perceptível por meio das letras das músicas, da dramaturgia, da dança, do artesanato, da fotografia, dos diversos festejos, da moda e da sétima arte, principalmente na região Nordeste, que faz dessa influência, inspiração para criação, circulação e comercialização dos artigos.

Para Câmara Cascudo autor do “Dicionário do Folclore Brasileiro”, que catalogou lendas e figuras do folclore, métodos de artesanato, comidas típicas, danças e estilos musicais, o xaxado é um ritmo que ganhou crédito por se desenvolver dentro do cangaço, com estética própria:

Dança exclusivamente masculina, originária do alto sertão de Pernambuco, divulgada até o interior da Bahia pelo cangaceiro Lampião e os cabras de seu grupo. [...] Os cangaceiros executavam o Xaxado marcando a queda da dominante com uma pancada do coice do fuzil. Xaxado é onomatopeia do rumor xa-xa-xa das alpercatas, arrastadas no solo. [...] A música é simples, contagiante como toda melodia popular feita para a memorização inconsciente, [...]. Não há acompanhamento instrumental. Só a voz humana. (CASCUDO, p.116, 1999).

A respeito de um elemento pouco notado no figurino do cangaceiro, especialmente a de Lampião era a sandália que curiosamente no documentário “A Sandália de Lampião” o senhor Espedito Seleiro relata que o pai dele fez uma sandália para o Lampião. “E não era um par qualquer: diferente dos modelos tradicionais daquela época, a sandália do Rei do Cangaço tinha o solado retangular, para confundir os rastejadores que, diante daquelas estranhas pegadas, não sabiam com certeza se o bando ia ou voltava”.

O Mestre Espedito Seleiro, artesão renomado do Ceara e reconhecido nacionalmente, mantém vivo o ofício que herdou do pai, confeccionando artesanalmente selas, chapéus, calçados, acessórios e roupas de couro.

Quanto aos acessórios e roupas, outros tantos artistas, figurinistas e estilistas embrenhados no universo da moda, fizeram do cangaço um estilo de moda com um conjunto de fatores da personalidade sertaneja, com símbolos e traços da crença, das vivências e o cotidiano do povo nordestino, e assim nos diz LINS:

A moda vai, então, criar o sujeito do cangaço, engendrar no imaginário o cangaceiro — como o povo gosta: rico, fidalgo, belo, de uma beleza requintada, — exótica, porém real, porque estruturada na ordem dos signos e dos sentidos, no simbólico e no imaginário. (LINS, 1997, p. 59.)

Essa moda nascida da estética do cangaço, com a arte tipicamente nordestina oriunda das manifestações culturais popular, vai ganhando espaço e destaque em palcos, festas, museus, mídias e estabelecendo uma identidade específica do Nordeste brasileiro.

Toda essa interface da vestimenta, com a cultura e os elementos de arte foi melhor difundido com a produção da sétima arte inicialmente em preto e branco e depois com as imagens coloridas, conseqüentemente vários artistas adotavam um ou outro elemento do universo do cangaço para a sua criação artística seja na música como foi o caso do “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga.



Imagem 1: Luiz Gonzaga.
Fonte: Blog Sala Latina de Cinema.

Dessa, maneira a abordagem cultural dos elementos artísticos relacionados ao cangaço vai ganhado visibilidade, mas em contra partida não foram atreladas reflexões de cunho libertários da sensibilidade artística que adentraram ao movimento com a inserção das mulheres naquele contexto cheio de estereótipos produzidos pela imaginação popular e ainda muito vivo pelos leitores leigos que desconhecem o papel da cangaceira dentro do bando.

Vale destacar que ao contrário da mulher do sertão catingueiro, a cangaceira não precisava desenvolver trabalhos braçais seja na roça ou com a lida dos animais, isso incluía não buscar água, não cozinhar entre outros trabalhos denominados femininos, como era determinado pela sociedade patriarcal, em comparação com a dona de casa comum, as cangaceiras exibiam um status invejável e superior por estarem enfeitadas com joias, bem penteadas, bem vestidas e perfumadas.

A ex-cangaceira Dadá, em vários momentos de seu depoimento deixou transparecer... Maria Bonita era um pouco ranzinza, gostava muito de conversar de puxar papo, de viver arrumadinha como boneca (FREITAS, p. 155-156).

Percebe-se que as mulheres eram como manequim, bem enfeitadas pelas joias presenteadas pelos seus companheiros, verifica-se tudo isso por meio das fotografias antigas e imagens reais produzidas pelo cineasta Benjamin Abrahão².

Há um consenso entre os historiadores e pesquisadores que a estética do cangaço embelezou ainda mais com a inclusão das mulheres, principalmente Dadá que em uma de suas gravidezes, impossibilitada de continuar com o bando, conforme Ferreira e Araújo (2011) em 1932 elaborou e confeccionou o primeiro par de bornais ornamentados com flores em cores vibrantes. Ela é sem sombra de dúvida uma das grandes responsáveis por fazer com que a estética do cangaço seja destaque do movimento até os dias atuais.

O registro imagético do fotógrafo Benjamin Abrahão revelou além do imaginário e falsas notícias, destacando que muitos cangaceiros sabiam ler, o próprio Lampião escrevia as cartas antes de adentrar as cidades, lia e consumia muita literatura de cordel, além de costurar os bornais e outras peças, comprovado pelas fotografias.

² Fotógrafo libanês-brasileiro, responsável pelo registro iconográfico do cangaço e de seu líder, Virgulino Ferreira da Silva — o Lampião. Abrahão teve seus trabalhos apreendidos pela ditadura de Getúlio Vargas, que nele viu um antagonista do regime. Guardada pela família Elihimas, migrantes libaneses, em Pernambuco, a película foi analisada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, um órgão de censura atuante durante o Estado Novo.



Imagem 2: Lampião na máquina Singer.
Fonte: Jornal Folha de São Paulo.

O modismo influenciou o cangaço, Lampião, como chefe se diferenciava, usando camisas listradas ou estampadas, com botões de ouro, tudo era enfeitado, ganhando assim um toque artístico pelo artesanato, as cartucheiras, as bainhas dos punhais, as alças dos fuzis completavam a riqueza dos trajes. Se até os cães dos cangaceiros ostentavam no estilo da moda, quanto mais as mulheres que carregavam a beleza natural de sua juvenildade:

Os cangaceiros também eram “modernos” em sua relação com as mulheres. Afinal de contas, viviam, muitas vezes, em regime de concubinato, sem serem casados pela Igreja católica, o que era algo malvisto pela sociedade tradicional. Estar junto de suas companheiras, portanto, era mais importante do que constituir laços de matrimônio “oficiais” ou religiosos, ainda que alguns bandoleiros procurassem se casar na Igreja (PERICÁS, 2010, p. 178).

Segundo o “Blog Lampião Aceso”, a estética da extravagância de Lampião e seus cangaceiros já influenciou muitos estilistas, regional, nacional e internacional. Zuzu Angel, apresentou em seu primeiro desfile em Nova York, em 1970, uma coleção inspirada em Maria Bonita” e em 2002, o universo do cangaço inspirou Tufi Duek, as roupas e acessórios da "Forum" foram enfeitados por pespontos ou tachas que recriavam os desenhos dos artesãos da caatinga.



Imagem 3: Look da coleção Maria Bonita.
Fonte: Blog Bianca Bertoni Design.

É inegável que o cangaço serve até hoje como fonte de inspiração para as diversas produções artísticas, Marcelo Dídimo escreveu o livro “O cangaço no cinema brasileiro” que exhibe uma variedade de filmes com comentários relevantes, evidenciando a importância do cinema e do cangaço enquanto fruto de inspiração e releitura, baseada em uma ampla pesquisa.

Na dramaturgia há uma infinidade de autores anônimos regionais e famosos de diversas partes do mundo que colocaram Lampião e o cangaço nas tramas de suas narrações.

A passagem de Lampião pela Bahia é romanceada no livro “Lampião na Bahia” de Olegário Coelho que segundo o mesmo teve passagens pela Vila do Cumbe, atual Euclides da Cunha, o texto do autor serviu como base para o roteiro cênico da Quadrilha Junina Raízes do Sertão que encenou a "Feira do Cumbe e a passagem de Lampião” o diretor e produtor cultural da Junina, Mateus Oxumaré, disse:

- O espetáculo dançante mostra a história do antigo Cumbe, atual Euclides da Cunha, onde o devoto com a mão no chão, faz pedidos à Nossa Senhora da Conceição erguida pela fé e força em um andor, a Santa representada meigamente pela presença da atriz-dançarina Bruna Campos, parece sentir a dor pela labuta do trabalhador que vem com a enxada preparar a terra seca para o plantio no dia de São José com a esperança de comer o milho no dia de São João.

Este Cumbe onde as mulheres são tão valentes quanto as cangaceiras que chegam no dia de feira junto com Lampião para

celebrar a alegria, mas promete voltar no dia 08 de dezembro, dia da padroeira, a mãe do Divino...

No espetáculo o espectador poderá ver a presença de uma criança é João Miguel, filho da quadrilheira Carol que em outras oportunidades foi Rainha, e dançou gestante, provavelmente seja esse o motivo de ver tanto entusiasmo no João Miguel ao representar uma personalidade real que tocou na feira do Cumbe em 15 de dezembro de 1928 para Lampião e como bem mostra o espetáculo a pedido dele, o menino toca a gaita e emociona Virgulino que parecia ser insensível. (OXUMARÉ, Mateus).

Percebe-se uma pesquisa para fundamentar o trabalho artístico com metodologias pedagógicas que são recursos didáticos utilizados por docentes, especialmente para o ensino de história nessa temática do cangaço, Mateus Oxumaré somou os elementos da literatura, da música, do teatro e as memórias para a feitura do espetáculo que foi ao palco em forma de representação da história, pela linguagem cênica.



Imagem 4: Casal destaque da Quadrilha Junina Raízes do Sertão – Euclides da Cunha-Ba.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 5: Representação de Nossa Senhora da Conceição, destaque da
Quadrilha Junina Raízes do Sertão – Euclides da Cunha-Ba.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O comentário do produtor cultural, referenciado por uma pesquisa, mostrou o quanto Lampião era amante da arte, inclusive em entrevista ao extinto Jornal "O Pasquim" no ano de 1973, Volta Seca (Antônio dos Santos), que no passado integrou o cangaço, diz que Lampião tocava acordem.



Imagem 6: Quadrilha Junina Raízes do Sertão – Euclides da Cunha-Ba.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Outra Quadrilha Junina da cidade de Euclides da Cunha, fascinada pelo universo do cangaço, montou o espetáculo: Ah Lampião vivo!, com esse trabalho a Quadrilha Junina Arroxa o Nó, sagrou-se campeã no festival de quadrilhas juninas do município, o evento é um concurso que integra as comunidades rurais, de onde advém a maioria dos grupos objetivando promover a cultura local circulando e difundindo os trabalhos cênicos atrelando atividades culturais e pedagógicas, provendo ainda entretenimento, conhecimento e geração de renda.



Imagem 7: Quadrilha Junina Arroxa o Nó – Euclides da Cunha - Ba.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 8: Quadrilha Junina Arroxa o Nó – Euclides da Cunha-Ba.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Volta Seca, segundo os pesquisadores e a bibliografia das obras sobre o cangaço está colocado como a voz musical que representou o cangaço, ele inclusive gravou “Acorda, Maria Bonita, Mulher Rendeira” entre outras, das quais ele cogitou ser o

autor, porém não se sabe precisar a autoria, embora *Mulher Rendeira*, sinaliza ser de sua autoria, pois se trata de um caso típico do cancionero popular nordestino, com fortes indícios da criação ter surgido no grupo do cangaço.

A música cantada por *Volta Seca* se juntou a voz de Luiz Gonzaga e outros tantos nordestinos, migrantes instalados nas metrópoles do Sul e Sudeste do país que segundo o autor ALBUQUEQUE:

O sucesso de Luiz Gonzaga foi fruto, por um lado, de um código de gosto que valorizava as músicas dançantes, as de natureza lúdica e, por outro, atendia ao consumo crescente de signos nordestinos e regionais como signos da nacionalidade. Mas seu maior sucesso se dá entre os migrantes nordestinos, pois se conecta com a saudade do lugar de origem, com o medo da cidade grande e, ao mesmo tempo, com o orgulho de estar enfrentando-a, com seus valores de origem rural como religiosidade e a importância dos laços familiares. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 178).

Vale ressaltar a contribuição da imagem do cangaço enquanto matéria prima para objeto de arte na literatura regionalista, que foi disseminada pela literatura de cordel, tendo a identidade defendida dos valores tradicionais, da coragem, da valentia e do homem de fibra nordestino.

Os cangaceiros seriam vingadores de Deus contra as imoralidades praticadas pelos poderosos, seria uma rebelião contra as injustiças e a vida feia e pequena; uma procura pela morte gloriosa e honrada, demonstração de coragem. (...) O cangaceiro é tomado como símbolo de luta contra um processo de modernização que ameaçava descaracterizar a “região”, ou seja, ameaçava pôr fim à ordem tradicional da qual faziam parte. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 126).

Rimas, emboladas, músicas, danças, cenas, pinturas, esculturas e outras manifestações artísticas são constantemente atos de releituras das ações dos cangaceiros, a literatura alude os aspectos lúdicos que se transforma nas mais variadas linguagens artísticas romantizadas ou não, mas que faz do cangaço uma das mais importantes fontes de imaginação, criação e estudo dos movimentos sociais e populares que representa um traço do povo do sertão.

CONCLUSÃO

O presente trabalho evidenciou alguns elementos artísticos do cangaço e o quanto esse movimento influenciou e inspira até os dias atuais a criação artística, do passo ao traço e à cena, que vira arte, muitos artistas criam espetáculos de dança, de teatro, roteiros de cinema, outros ligados ao campo das artes visuais, traçam suas linhas, pontos e cores para estamparem em muros, xilogravuras, HQs e assim as obras vão gerando reflexão, intriga, questionamentos, aprendizados e descobertas, indo além de sua principal função que é entreter, educar e informar.

Apreendeu-se, por meio dessa pesquisa o quanto o cangaço inspirou a produção da arte e conseqüentemente a disseminação da cultura popular tendo em vista a contribuição para o reconhecimento das especificidades das diferentes linguagens e modalidades passíveis de interação, pelas releituras, debates e novas possibilidades da aquisição do conhecimento por meio da cultura e da arte impregnadas nesse movimento e no contexto da época.

Ampliei meus conhecimentos relacionado ao tema e notei que há muitas memórias repassadas pela oralidade e por conta disso se estigmatizou a imagem do cangaço e por esse viés uma infinidade de livros, revistas, artigos e outros trabalhos foi publicado, tendo em vista que o sertão é povoado dos causos contados em família e a partir de um conto aumenta-se um ponto e assim a história vai tomando rumos distintos e fantasiosos dos fatos, por conta disso, se faz necessário o ofício científico do historiador e demais pesquisadores que usam a ciência para evidenciar os fatos do passado.

Perante o exposto, fica o efeito deste trabalho com resultados de uma pesquisa sinalizando novos aspectos aos pesquisadores, curiosos, professores, artistas e aos fascinados pela trajetória do cangaço, esse movimento que pode ser visto pela ótica da cultura, da arte, da religiosidade ou do ceticismo, da coragem, da transgressão ao sistema coronelista e outros signos e significados criados por esse fenômeno denominado de cangaço.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

Adriana Yañez, Antonio Lino, Paula Dib. Documentário, 28 min. **A Sandália de Lampião**, Brasil, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Ediouro, 1999.

DÍDIMO, Marcelo. **O cangaço no cinema Brasileiro**. São Paulo: Annablume, 2010, p. 219.

FERREIRA, Vera; ARAUJO, Germana Gonçalves de. **Bonita Maria do Capitão**. Salvador: EDUNEB, 2011.

FREITAS, Ana Paula Saraiva de. **A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940) / Ana Paula Saraiva de Freitas**. Assis, 2005.

FONTES, Oleone Coelho. **Lampião na Bahia**. 4a. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

JÚNIOR ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste: e outras Artes**. Cortez Editora, São Paulo, 1999, p. 158.

LINS, Daniel. **Lampião: o homem que amava as mulheres**. São Paulo: Annablume, 1997.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros. Ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música: História cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Quadrilha Junina Arroxo o Nó. Disponível em [@arroxeono](#). (Disponível em 21 de junho 2023).

Quadrilha Junina Raízes do Sertão. Disponível em [@juninaraizesdosertao](#). (Disponível em 21 de junho 2023).